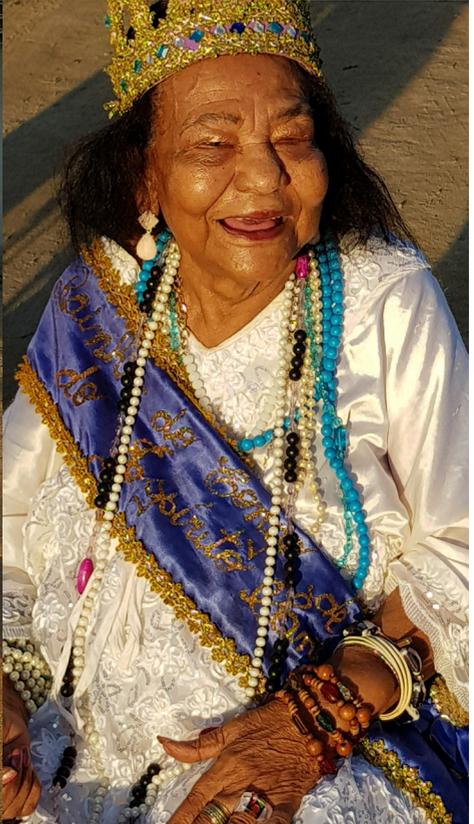




Banda de Congo
São Benedito do Rosário
de Vila do Riacho

Uma história
cheia de histórias

Alexandre Perim







Introdução

Este livro faz parte de um projeto realizado pela FIBRIA e o INSTITUTO VOTORANTIN, com o objetivo de resgatar a cultura e principalmente revelar o valor histórico da Banda de Congo São Benedito do Rosário de Vila do Riacho.

A mim foi dada a missão de pesquisar, entrevistar, buscar provas, fotos, livros e objetos que compõem esta história, atestem sua veracidade e seu valor cultural.

Acredito que posso resumir todo este trabalho com duas palavras: amor e determinação; uma vez que a história da Banda de Congo São Benedito do Rosário de Vila do Riacho foi escrita por meio de pessoas humildes e batalhadoras, que, independente das dificuldades, nunca permitiram que ela deixasse de existir. Portanto, sinto-me um privilegiado pela oportunidade de conhecer e resgatar a história de pessoas que acreditam na riqueza da cultura e das tradições, e através dessa crença, encontram forças para mantê-las vivas durante séculos.

Como sabemos, a História tem a particularidade de guardar pequenos tesouros culturais que ficam esquecidos durante séculos e vão acumulando valor à medida que resistem às mudanças e às dificuldades naturalmente impostas pela vida.

Um desses pequenos tesouros, porém de grande valor histórico e cultural, se esconde no interior do Espírito Santo, na pequena comunidade de Vila do Riacho, localizada no Município de Aracruz.

A Banda de Congo São Benedito do Rosário de Vila do Riacho é um tesouro cultural que carrega uma história de mais de 220 anos, cheia de tradições, muito amor, dedicação e fatos curiosos!

Uma Historia Cheia De Histórias

Fundada no ano de 1798, a BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DE VILA DO RIACHO é hoje a Banda de Congo em atividade mais antiga do Brasil. Isso, por si só, já transforma esse tesouro em um patrimônio cultural do nosso País, digno de ser conhecido e, principalmente, preservado. Esta é uma história rica em fatos curiosos e marcantes que conserva tradições culturais mantidas por pessoas que dedicaram suas vidas para que essa paixão, em forma de música e dança, fosse passada de geração em geração e nunca esquecida; tornando-se, portanto, uma representante viva de dois povos que fazem parte da história, do trabalho, do desenvolvimento e da formação do povo brasileiro.

Neste livro, vamos conhecer um pouco da história da BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DA VILA DO RIACHO. Para isso, precisamos entender a história do Brasil, do Espírito Santo, do Município de Aracruz e da Vila do Riacho. Precisamos entender, também, como e quais povos fizeram a ocupação e desbravamento dessas terras e assim descobrir e conhecer a importância cultural desse tesouro escondido que agora será apresentado a todos: o Congo e a Banda de Congo de Vila do Riacho.

Dedico este livro à Rainha do Congo de todo o Brasil, Dona Astrogilda, e ao Capitão e Mestre da Banda de Congo São Benedito do Rosário da Vila do Riacho, o Sr. Antônio Ramos do Santos (Mestre Antônio), personagens vivos desta história que dedicaram suas vidas à missão de mantê-la viva e continuar sendo escrita.



A História Do Congo

O CONGO é um dos muitos conjuntos de dança, música e manifestações folclóricas existentes no Brasil.

É particularmente caracterizado pelo uso do tambor de congo, bumbo ou caixa, casaca ou reco-reco, cuíca, chocalho, triângulo e apito (utilizado pelo mestre no início e término das toadas), além de trajés, coreografias típicas e cânticos que invocam os Deuses e contam histórias. Atualmente, é uma manifestação folclórica e religiosa onde se prestam homenagens a São Benedito e à Nossa Senhora da Penha.

São poucas as informações sobre como realmente surgiu o Congo no Brasil.

Alguns dizem que o Congado nasceu na África, no país do Congo, inspirado nos antigos cortejos aos Reis Congos, como uma expressão de agradecimento do povo aos seus governantes. Foi trazido para o Brasil pelos negros que vieram como escravos. No Brasil, o Congo sofreu uma interferência cultural dos índios que viviam junto com os negros como escravos.

Outros dizem que a herança teria vindo de um Banda primitiva de Congo dos índios Mutuns, e, conforme já sugeriu o sociólogo Gilberto Freyre, “uniu-se a espontaneidade de emoção e movimentos dos negros aos rituais compassados das cerimônias indígenas”. Com o tempo, as bandas foram alterando seus aspectos indígenas, desaparecendo o nome “guarará”, substituído por Congo ou Tambor, por isso, o conjunto passou a ser chamado de Banda de Congo, expressão que lembra a Velha África. Desapareceu, também, o termo manacá ou massaraca (chocalho). Juntou-se ao instrumental a Cuíca, de origem Africana. Manteve-se, porém, o Cassaco ou Cassaca; Casaca ou, por contaminação, Canzaco, evidente influência de Canzá ou Ganzá, termo quibundo (Língua Africana). Acrescente-se a isso as peculiares danças dos negros e mais as toadas, onde se encaixam, aqui e ali, termos e expressões Africanas.

Não existem documentos que comprovem oficialmente nenhuma dessas versões, portanto, toda esta história é baseada nos depoimentos e ensinamentos que vêm passando de geração em geração.

Como estamos aqui para conhecer a história da Banda de Congo de São Benedito do Rosário de Vila do Riacho, vamos nos concentrar na história do Congo Capixaba, e nossa fonte de informações e inspiração são as histórias contadas por Mestre Antônio e a Rainha Astrogilda, que são passadas de pais para filhos há mais de cinco gerações na família Ramos dos Santos, além, é claro, dos relatos de viajantes e personalidades que passaram pela região.

Vamos entender a história

De acordo com Mestre Antônio, para entendermos melhor esta história, temos que voltar no tempo e conhecer um pouco sobre as origens do Brasil e do Espírito Santo.

Tudo começou antes da chegada dos Portugueses, pois o Brasil já era habitado por muitas tribos indígenas que viviam em plena harmonia com a natureza e, de acordo com estudiosos, em dias de boa caça, sempre faziam festas nas aldeias e já usavam troncos ocos como tambores para emitir sons que criavam danças ritmadas e com coreografias.

A primeira expedição a explorar o litoral do Espírito Santo saiu de Portugal em 1501, trazendo a bordo o navegador Américo Vespúcio. Em 1502, partia outra expedição, Estevão da Gama descobriu a ilha da Trindade a 1.140 km da costa do Espírito Santo. Durante as três primeiras décadas do século XVI, não houve qualquer iniciativa de colonização da região.

Inicialmente, a região era habitada por diversas tribos indígenas: No litoral e no norte predominavam os Tupiniquins, Mutuns, Tomoios e os Botocudos que eram considerados de comportamento hostil, além de praticar antropofagia (eles comiam carne humana).

Na região Sul do estado, região da serra do Caparaó e na serra dos Aimorés, as tribos não eram hostis e predominavam os Aimorés e os Goitacáses.

Em 23 de maio de 1535, o fidalgo português Vasco Fernandes Coutinho, veterano das campanhas da África e da Índia, aportou em terras da capitania, que lhe destinara o rei D. João III.

Como era um domingo do Espírito Santo, chamou de Vila do Espírito Santo a povoação que mandou construir nas terras que lhe couberam: cinquenta léguas de costa, entre os rios Mucuri e Itapemirim.

A Vila do Espírito Santo é atualmente a cidade de Vila Velha. Ainda em 1535, a vila passou a capitania, em 1822, passou a ser província e em 1889, a estado.

A fixação da vila foi uma história de lutas, pois os nativos não entregaram aos portugueses, sem resistência, suas roças e malocas. Recuaram até a floresta, onde se concentraram para iniciar uma luta de guerrilhas que se prolongou, com pequenas tréguas, até meados do século XVII.

Para Vasco Fernandes Coutinho, o patriarca do Espírito Santo, a capitania foi um prêmio que se transformou em castigo; teve de empenhar todos os haveres para conservar sua vila e acabou por morrer pobre e desvalido.

Além da insubmissão dos indígenas, o donatário teve de enfrentar as dissensões entre os portugueses. Aos seus companheiros Jorge de Meneses e Duarte Lemos concedera extensas sesmarias, usando os poderes que recebera com a carta de doação. Com isso, criou dois rivais implacáveis.

Em 08 de setembro de 1551, Duarte de Lemos fundou Vitória — chamada de Vila Nova do Espírito Santo — na ilha de Santo Antônio, em posição estratégica, mais vantajosa que Vila Velha para a defesa contra os constantes ataques dos indígenas que a chamavam de Ilha de Guanaani. Para lá se transferiu a sede da capitania.

À mesma época, chegaram os missionários jesuítas, empenhados na catequese, o que provocou choques com os colonos, que preferiam a dominação dos índios pela escravidão. A presença do padre José de Anchieta deu um sentido muito especial à ação dos padres da Companhia de Jesus em terras do Espírito Santo.

Neste período, o Padre José de Anchieta descreve em um dos seus poemas a Batalha do Cricaré, epopeia de uma esquadra enviada da Bahia por Mem de Sá, governador-geral do Brasil, em socorro a Vasco Fernandes Coutinho e sua gente, que estavam sob cerco dos tamoios na ilha de Vitória.

A maior força dos gentios estava concentrada numa aldeia fortificada junto ao rio Cricaré. Ali ocorreu a batalha decisiva, em 22 de maio de 1558. Os portugueses, embora vitoriosos, sofreram pesadas baixas. Entre os mortos estavam o próprio filho de Mem de Sá, Fernão de Sá, que comandava a esquadra; e dois filhos de Caramuru (Diogo Álvares Correia) com a índia Paraguaçu.

A primeira referência impressa que relata algo sobre o que parece ser a primeira banda de Congo e que provavelmente já era a Banda de Congo da Vila do Riacho, figura no livro do Padre Antunes de Sequeira, “Esboço histórico dos costumes do povo espírito-santense”, onde se faz menção a uma das primitivas Bandas de Congos, integradas por índios Mutuns (do rio Doce). Eis o tópico: “Nas danças acorram-se todos em círculo, batendo com as palmas das mãos nos peitos e nas coxas, e soltando guinchos horríveis. Fazem caretas e trejeitos, acompanhados de uma música infernal”. E o padre passa a descrever o instrumental que, mutatis mutandis, ainda se usa nas atuais Bandas de Congos: “Os cassacos, um bambu dentado, corrida a escala por um ponteiro da mesma espécie, e tambores feitos de um pau cavado, às vezes oco por sua natureza, tendo em uma das extremidades um couro, pregado com tarugos de madeira rija.” E prossegue: “A eles juntam o som produzido por um cabaz, cheio de caroços ou sementes do mato, hoje grãos de feijão e milho”.

No ano de 1556, a história do município de Aracruz começa a ser escrita com a fundação de um pequeno aldeamento na foz do Rio Piraquê-Açú, pelos jesuítas Brás Lourenço, Diogo Jácome e Fabiano Lucena. Deram o nome de Aldeia Nova, tinham o objetivo de conquistar a terra e evangelizar os índios da região comandados pelo bravo Cacique Maracaiaguaçu, entretanto, a Aldeia teve desenvolvimento lento por causa da grande quantidade de formigas, o que levou os padres a fundarem outra aldeia em 1557. Houve, então, a troca de nomes, a primeira passou a se chamar Aldeia Velha e a outra Aldeia Nova.

A posição estratégica de Vila Nova do Espírito Santo e Vila Velha, dada a proximidade com o Rio de Janeiro, ocasionou algumas tentativas estrangeiras de invasão.

Em 1592, os capixabas rechaçaram uma investida dos ingleses, sob o comando de Thomas Cavendish.

Em 1625, o donatário Francisco de Aguiar Coutinho enfrentou a primeira investida dos holandeses, comandados por Pieter Pieterszoon Heyn, luta em que se destacou a heroína capixaba Maria Ortiz.

Em 1640, com sete navios, os holandeses atacaram novamente o Espírito Santo, sob o comando do coronel Koin. Conseguiram desembarcar 400 homens, mas foram repelidos pelo capitão-mor João Dias Guedes e não se firmaram em Vitória. Atacaram então Vila Velha, de onde foram também rechaçados.

O governo colonial, diante de tão repetidos ataques, resolveu destacar para Vitória quarenta infantes da tropa regular. Nessa oportunidade, a capitania progride.

O esgotamento da população que nos primeiros tempos, por diversas vezes, ameaçara desertar a capitania, bem como a incapacidade de dar seguimento a sua incipiente agricultura, por causa dos constantes ataques dos índios, denunciavam a fraqueza dos alicerces em que se baseava a colonização local. Também aí, os recursos particulares revelaram-se insuficientes para manter empresa tão árdua e onerosa.

Devido à grande dificuldade de escravizar os índios e fazer com que eles trabalhassem, o tráfico de negros da África para o Brasil, que já vinha acontecendo há um bom tempo, intensificou-se.

Não existem registros precisos dos primeiros escravos negros que chegaram ao Brasil. A tese mais aceita é a de que em 1538, Jorge Lopes Bixorda, arrendatário de pau-brasil, teria traficado para a Bahia os primeiros escravos africanos.

Os Negros eram capturados nas terras onde viviam na África e trazidos à força para a América, em grandes navios, em condições miseráveis e desumanas. Muitos morriam durante a viagem através do oceano Atlântico, vítimas de doenças, de maus tratos e da fome.

Os escravos que sobreviviam à travessia, ao chegar ao Brasil, eram logo separados do seu grupo linguístico e cultural africano, misturados com outros de tribos diversas para que não fosse possível a comunicação entre eles.

Seus papéis de agora em diante, seria servirem de mão de obra para seus senhores, fazendo tudo o que lhes ordenassem, sob pena de castigos violentos. Além de terem sido retirados de sua terra natal, de não terem nenhum direito, os escravos ainda tinham que conviver com a violência e a humilhação no dia a dia.

A minoria branca, classe dominante socialmente, justificava essa condição através de ideias religiosas e racistas que afirmavam a sua superioridade e os seus privilégios. As diferenças étnicas funcionavam como barreiras sociais.

O escravo tornou-se a mão de obra fundamental nas plantações de cana-de-açúcar, de tabaco e de algodão; nos engenhos, e mais tarde, nas vilas e cidades, nas minas e nas fazendas de gado.

Além de mão de obra, o escravo representava riqueza, era uma mercadoria, que em caso de necessidade, podia ser vendida, alugada, doada e leiloada. O escravo era visto na sociedade colonial também como símbolo do poder e do prestígio dos senhores, cuja importância social era avaliada pelo número de escravos que possuíam.

A escravidão negra foi implantada durante o século XVII e se intensificou entre os anos de 1700 e 1822, sobretudo pelo grande crescimento do tráfico negreiro. O comércio de escravos entre a África e o Brasil tornou-se um negócio muito lucrativo. O apogeu do afluxo de escravos negros pode ser situado entre 1701 e 1810, quando 1.891.400 africanos foram desembarcados nos portos coloniais.



OPAAAAAA PARA TUDO.

Agora chegamos em um momento muito importante da História. Enquanto tudo isso acontecia no pequeno Brasil da época, no Espírito Santo não era diferente, ou seja, na verdade, por aqui a situação era muito pior. Para tentar manter as lavouras, a mineração de ouro e a busca por esmeraldas, os colonos mais empreendedores e os mineradores começaram a substituir o trabalho dos índios pelo dos escravos, o que fez crescer em muito a população de negros escravos na região.

Isso fez com que, principalmente na região do Município de Aracruz, na época chamada de Vila Nova, os negros e os índios trabalhassem juntos, vivessem junto, sofressem juntos e se divertissem juntos. Toda essa proximidade, criava uma troca de cultura, crenças e tradições.

Muito provavelmente, a troca de conhecimentos, hábitos e costumes, pode ter sido o berço do CONGO no Brasil, ou seja, uma mistura das danças, instrumentos, adereços e músicas de negros africanos e índios brasileiros.

E POR QUE ESSE MOMENTO DA HISTÓRIA É MUITO IMPORTANTE?

Um comunicado falso, que chegou até a região de Vila Nova e Vila Velha, culminou no surgimento da BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DA VILA DO RIACHO (nome atual da Banda). Calma, que eu vou explicar...

Em 1798, houve um falso comunicado de libertação de negros e índios. O comunicado veio do Ceará para Alagoas e para o Espírito Santo, ao chegar nos engenhos de açúcar, os escravos saíram pelas fazendas comemorando a tal liberdade que já era há muito esperada pelos negros e índios que viviam nas fazendas e sofriam nos engenhos e canaviais.

Essas comemorações foram marcadas pela união de dois povos, duas raças, comemorando sua libertação e que na euforia do momento, misturavam seus instrumentos rústicos como: tambores, casacas, chocalhos, berimbau, com danças típicas e músicas que contavam histórias dos dois povos, formando o batido de caixa hoje conhecido como Congo, em homenagem ao país do Congo

e também aos negros do Rio Congo da África, pois muitos dos negros que aqui viviam tinham vindo dessa região africana.

A comemoração causou uma falta de entendimento dos fazendeiros, que não compreendiam a maneira de comunicação das duas etnias. Houve, portanto, um grande combate onde muitos fazendeiros e escravos perderam a vida nas fazendas e nos engenhos de açúcar.

Após todas as desavenças e mal entendido causados pelo boato da abolição, alguns Negros e Índios que haviam participado das comemorações, mantiveram encontros onde celebravam os poucos momentos de tranquilidade e descanso que tinham.

Os donos dos engenhos e canaviais começaram a perceber que todas as vezes que os Índios e Negros se juntavam para fazerem aquelas festas com danças e músicas, no dia seguinte, eles trabalhavam melhor, mais dispostos. A notícia dessa constatação correu pela região, foi ganhando cada vez mais apoio e caindo nas graças dos senhores das grandes propriedades. Esse foi, então, o ponto de partida para a criação da BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DA VILA DO RIACHO.

O primeiro Capitão e Mestre da Banda era um escravo chamado Benedito Fumaça. Diz a lenda que ele tinha a missão de fazer a “puxada” dos negros e dos índios. Com um apito e músicas que contavam histórias das duas culturas, ele ia trazendo todos para festa. Os escravos juntavam-se a ele com os seus tambores, casacas, chocalhos, berimbaus e adereços, seguiam cantando e dançando.

Logo no início de 1800, as investidas dos índios Botocudos começaram a ficar mais intensas, levando muitos a abandonar a região.

Em 1808, o príncipe regente D. João XVI, recém-chegado de Portugal, assinou a “carta régia”, onde declarava guerra aos temíveis botocudos. Esse documento veio a ajudar muito no desenvolvimento da região.

Em 1814, a coroa decide que teria que reocupar o norte capixaba e dar apoio na luta dos brancos contra os índios. Para garantir a segurança dos vizinhos e dos

índios civilizados, foi decidido que seriam instalados na região “QUARTÉIS MILITARES”.

Assim, em 1815, na confluência dos rios Riacho e Comboios, foi instalado o quartel de Riacho pelo capitão Mor Antônio Pires da Silva Pontes, atendendo ao conselho do capitão Mor. Ignácio João Mongerardino, responsável pelo povoamento da aldeia velha, hoje conhecida como Vila de Santa Cruz.

O quartel do Riacho, além de garantir a segurança das propriedades e das pessoas da região, veio também a repelir os ataques dos índios Botocudos, que estavam fazendo da região uma sentinela avançada do seu território que abrangia o norte do Espírito Santo, Minas Gerais e sul da Bahia. Com a construção do quartel, um novo povoado começou a surgir na região, que viria a se tornar Campos do Riacho e depois Vila do Riacho.

O período colonial encerrou-se sob promessa de dias melhores, sobretudo em função da diligência de Francisco Alberro Rubim, nomeado governador em 1812. Rubim foi o autor da “Memória estatística da capitania do Espírito Santo”, realizada em 1817, na qual afirmou haver na época na capitania 24.587 habitantes, seis vilas, oito povoados e oito freguesias. Consolidara-se a ocupação do território e ampliara-se a base demográfica. Em face das dificuldades enfrentadas, esses dados revelam um progresso nada desprezível.

Respectivamente em 1815 e 1818, duas personalidades europeias visitaram o local, o príncipe alemão Neuwied e o botânico francês “Saint Hilaire”. Descrevendo o local, os dois visitantes disseram: “o quartel possuía um comandante e seis praças e a guarnição destina-se a proteger os visitantes instalados nas terras”. “A maior parte da população ainda hoje é descendente dos índios botocudos, conhecidos como índios dos bodoques.”

Em 20 de março de 1820, foi empossado como governador Baltazar de Sousa Botelho de Vasconcelos, a quem coube enfrentar os dias agitados da independência e passar a administração à junta do governo provisório. Antes mesmo de promulgada a constituição do império, foi nomeado presidente da província o ouvidor Inácio Acióli de Vasconcelos.

No dia 07 setembro de 1822, foi proclamada a independência política de Portugal e D. Pedro I foi reconhecido com Imperador do Brasil. Nem a proclamação da independência, nem a adoção das ideias liberais pelas classes dominantes conseguiram abalar a intensidade do tráfico de escravos e a escravidão. Naquele momento, os senhores só pensavam em libertarem-se do domínio português que os impedia de expandir livremente seus negócios. Ainda era interessante para eles que as estruturas sociais, políticas e econômicas vigentes, continuassem preservadas.

Em 1828, o novo povoado, que se desenvolvia na região que hoje chama-se Vila do Riacho, era conhecido com o nome de Campos do Riacho, e sua economia crescia à medida que crescia o movimento migratório.

Em 1832, chega à região de Santa Cruz, o imigrante Italiano Pietro Tabacchi, fundando a Fazenda Nova Trento, em homenagem a sua terra natal.

Em 03 de Abril de 1848, a Resolução n.º 2 cria o Município de Santa Cruz (hoje Aracruz), com sede na Vila de Santa Cruz.

Em 1850, a configuração territorial do Espírito Santo já assinalava a existência de onze municípios: Vitória, Vila Velha, Serra, Nova Almeida, Linhares, São Mateus, Santa Cruz, Guarapari, Benevente (hoje Anchieta) e Itapemirim. Pouco antes, a província perdera parte de suas terras, em virtude da desanexação de Campos dos Goitacases e São João da Barra, restituídas ao Rio de Janeiro em 1832.

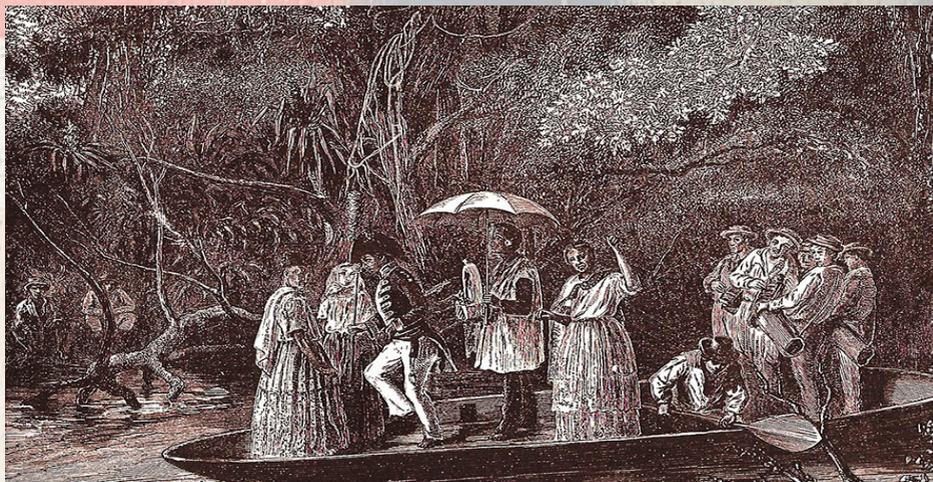
Ainda no ano de 1850, ocorreu um grande avanço no caminho da abolição dos escravos, a extinção do tráfico negreiro foi decretada.

No ano de 1852, foi construída a primeira igreja de Campos do Riacho, ela foi feita toda de estuque, construída por Severo Domingos e tendo como Padre responsável o Pd. Antônio dos Santos Ribeiro.

Em 1858, surge o registro da presença de uma Banda de Congo, quando da visita que, a Santa Cruz, fez, o viajante francês François Biard, que a descreve em seu livro “Deux années eu Brésil”.

No relato, conta-se o encontro do autor com indígenas por ocasião da festa de São Benedito: à frente o “capitão” com bastão enfeitado; depois o portador da imagem do Santo; as velhas devotas que dançavam le cancan em torno da imagem e, por fim, os músicos e instrumentos: uns batendo tambor, “pequeno tronco de árvore, oco, coberta uma das extremidades por um pedaço de pele ou couro de boi”, e outros “rascando, com um pequeno bastão, um instrumento feito dum pedaço de bambu denteado de alto a baixo”.

Não se cingiu o visitante a descrever o que viu. Desenhista que era, fixou em traços firmes a cena que lhe pareceu tão estranha, como se vê da ilustração reproduzida adiante



Em 1860, Santa Cruz recebeu a visita de D. Pedro II e sua Comitiva, que pernoveram na Vila de Santa Cruz, onde o imperador inaugurou o chafariz público e deixou como lembrança de sua passagem 06 medidas para líquidos feitas de bronze.

No dia 04 de fevereiro de 1860, a Comitiva Imperial atravessou a Foz do Rio Piraquê-Açu, visitou a Aldeia Tupiniquim em Caieiras Velha e seguiu para Campos do Riacho (hoje Vila do Riacho), para visitar a Fazenda Santa Joana onde ele fez pousada.

O proprietário da fazenda convidou a Banda de Congo para se apresentar ao Imperador.

Na época o capitão da banda era o Mestre Neopo, filho do escravo que fundou a Banda de Congo, chamado Bendito Fumaça. Ele se apresentou dançando sempre de frete para o imperador. Então o imperador perguntou ao capitão porque ele só dançava de frente para ele. O capitão disse que não poderia dar as costas para o seu senhor .

Quando D. Pedro II voltou a corte mandou de presente um uniforme completo de Capitão da marinha, sendo este uniforme conhecido como uniforme do Exército brasileiro. Modelo especial feito para o Imperador.

Este uniforme foi dado ao Capitão Neopo, Mestre da Banda de Congo. O Capitão ficou muito orgulhoso com o presente e usava o uniforme em todas as apresentações da Banda. Depois deste dia, todos os mestres que assumiram a banda de Congo fizeram uma réplica deste uniforme que se tornou a vestimenta oficial do Mestre da Banda de Congo



Em 1864, pela lei providencial nº 25, foi criada oficialmente a Capela de São Benedito. Por ser o santo de devoção dos escravos das fazendas da redondeza, São Benedito foi escolhido como o padroeiro da Banda.

A partir da criação oficial da Capela e da escolha de São Benedito como padroeiro, a Banda começou a se chamar BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DA VILA DO RIACHO.

A partir de 1870, a região Sul do Brasil passou a empregar assalariados brasileiros e imigrantes estrangeiros; no Norte, as usinas substituíram os primitivos engenhos, fato que permitiu a utilização de um número menor de escravos. Já nas principais cidades, era grande o desejo do surgimento de indústrias. Visando não causar prejuízo aos proprietários, o governo, pressionado pela Inglaterra, foi alcançando seus objetivos aos poucos.

Em 1871, no dia 28 de setembro, mais um grande passo é dado em direção à abolição da escravidão. A assinatura da Lei do Ventre-Livre tornava livre os filhos de escravos nascidos a partir de sua promulgação.

Em 1873, através do Decreto Imperial nº 5295, Pietro Tabacchi recebe autorização para trazer da Itália 70 famílias de colonos para sua fazenda.

Em 1874, foram trazidas 386 famílias italianas para ocupar o litoral norte do Espírito Santo. As famílias saíram do Porto de Gênova em 03/01/1874, a bordo do navio francês Sofia, que também trouxe várias caixas de equipamentos agrícolas. O navio chegou à Baía de Vitória em 17 de fevereiro, e somente em 01 de março, seguiram para Santa Cruz no vapor Presidente, onde lá partiram de canoa através do Rio Piraqueaçu para a fazenda Nova Trento, em Córrego Fundo.

Em 1885, foi aprovada a lei Saraiva-Cotegipe ou dos Sexagenários, que tornava livre todos os negros com mais de 65 anos.

Foi em 13 de maio de 1888, através da Lei Áurea, que a liberdade total finalmente foi alcançada pelos negros no Brasil. Essa lei, assinada pela Princesa Isabel, abolia de vez a escravidão no Brasil.

Em 18 de Março de 1891, a Vila de Santa Cruz é elevada à categoria de Cidade, pelo Decreto Estadual n.º 19, tornando-se uma Vila muito próspera, sendo seu Porto Fluvial o mais movimentado e por onde escoavam as riquezas da região. Contudo, a construção da Estrada de Ferro Vitória/Minas e da Br 101, contribuiu muito para acabar com o movimento do Porto de Santa Cruz.

Em 17/08/1901, a Capela de São Benedito em Vila do Riacho é transformada em uma Igreja de alvenaria. À frente das obras, como construtor, estava o Padre Frei João Cortez.

De acordo com relatos do Mestre Antônio e baseado nas histórias dos mais antigos, nesse período, aconteceu uma separação da Banda, os índios tupiniquins foram para Caiaras Velha, enquanto os botocudos e os negros ficaram em Vila do Riacho dando continuidade à BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DE VILA DO RIACHO.

Em 1943, o Decreto Estadual n.º 15177 dá o nome de Aracruz ao Município que até então se chamava Santa Cruz.

Cinco anos depois, em 1948, a Resolução n.º 1 da Câmara Municipal decidiu a transferência da sede do Município para o povoado de Sauaçu, mas, devido à resistência dos moradores de Santa Cruz, a transferência ocorreu de fato em 1950, tendo o Prefeito Luís Theodoro Musso surpreendido a todos, de madrugada, comandando um bando de cavaleiros armados que carregavam os documentos municipais, episódio conhecido como “o roubo da Sede”.

De acordo com o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, bem como de outros historiadores, o pioneirismo de Tabacchi torna Aracruz o Berço da Imigração Italiana no Brasil uma vez que as expedições comerciais só começariam a chegar a São Paulo e ao sul do Brasil em 1885.

Apesar de ter se tornado o Berço da Imigração Italiana no Brasil, a cultura dos indígenas e dos negros continua muito forte, as Bandas de Congo são a maior expressão viva dessa cultura, ensinamentos que foram passados de pai para filho, de geração em geração.

Atualmente, no ano de 2018, a BANDA DE CONGO SÃO BENEDITO DO ROSÁRIO DA VILA DO RIACHO completa 220 anos. A sua preservação e continuidade só foi possível graças a pessoas e famílias que dedicaram suas vidas a essa paixão.

Há mais de 100 anos essa missão chegou à família Ramos dos Santos, e hoje, Mestre Antônio e a Rainha Astrogilda são as provas vivas do amor a essa rica expressão cultural que resiste às mudanças e dificuldades do tempo, e que foi forjada na história sofrida de dois povos que ajudaram a construir o Brasil.



História Resumida Da Banda De Congo São Benedito Do Rosário De Vila Do Riacho

- Foi criada em 1798;
- Padroeiro Oficial é São Benedito;
- O primeiro Mestre foi um escravo conhecido por Benedito Fumaça. De 1798 até os dias de hoje, tem-se a certeza do nome de 15 mestres. A relação mais próxima da realidade que conseguimos montar foi esta, sendo que de alguns dos mestres, só conhecemos o primeiro nome:

Benedito fumaça

Neopo

Claricio Machado

Jose lemos de Almeida

Manoel Romão

Antonio Romão

Alicio Lemos

Ormando Santana (Permaneceu 45 anos à frente da Banda, sendo substituído algumas vezes);

Alcineu Galdino;

Ormando Santana;

Claúdio Santos;

Ormando Santana;

Ailton;

Jeovane;

Ormando Santana;

Mestre Tintino ou Quintino;

Alcineu Galdino;

Ormando;

Em 1974, ocorreu eleição na Banda e Antônio Ramos dos Santos foi eleito primeiro Capitão, continua até os dias de hoje, dedicando 45 anos da sua vida a essa causa. Hoje ele é parte viva dessa história e uma das “lendas” do Congo no Brasil, MESTRE ANTONIO.



Outra figura muito importante na Banda é a Rainha, que sempre foi representada por mulheres fortes, guerreiras, que lutaram para manter essa cultura viva. A primeira Rainha que se tem conhecimento foi Mãe Aurélia Luzia da Vitória, depois dela vieram:

Lucia Teles;
Astrogilda Ribeiro dos Santos;
Elsa Helena Lemos Ferreira;
Maria mãe de Nanci;
Maria Aparecida Galdino;
Otacila Barcelos;
Astrogilda Ribeiro dos Santos.

Atualmente, Astrogilda ainda é a Rainha da Banda, praticamente uma “lenda viva” e uma das mais importantes e antigas do cenário do Congo no Brasil. Hoje, por apresentar algumas limitações causadas pela idade e pela saúde, ela é representada por Rosa Maria Cardoso, quando não tem força para comparecer às apresentações. A RAINHA ASTROGILDA é a joia mais rara deste tesouro escondido na VILA DO RIACHO.



Em 1860, a visita de D. Pedro II à região marcou a história da Banda. A apresentação da Banda surpreendeu tanto o Imperador, que o mesmo deu de presente ao Mestre NEOPO, o uniforme completo de Capitão da Marinha, Uniforme do Exército Brasileiro, que era usado pelo Imperador. Esse uniforme transformou-se no uniforme oficial dos Mestre da Banda e até hoje são reproduzidas peças idênticas ao uniforme original, a tradição continua sendo mantida nos mínimos detalhes.

A Banda atualmente é composta por cerca de 50 componentes e faz apresentações em eventos durante o ano todo. Esta são as fotos mais recente da Banda de Congo de São Benedito do Rosário de Vila do Riacho, do dia 24 de junho de 2018, em uma apresentação feita na cidade de Regência, Espírito Santo.



Os Instrumentos Da Banda De Congo.

Os instrumentos musicais utilizados nas bandas de Congo são: a CUÍÇA, o TAMBOR, a CAIXA, o PANDEIRO, a CASACA e o RECO-RECO. As bandas se apresentam em várias festividades ao longo do ano, mas especialmente no mês de outubro, na festa de Nossa Senhora do Rosário. O ponto alto da festa é a coroação do rei do Congo.





Cuíca

A cuíca ou puíta (em Angola pwita) é um instrumento musical, semelhante a um tambor, com uma haste de madeira presa no centro da membrana de couro, pelo lado interno. O som é obtido friccionando a haste com um pedaço de tecido molhado e pressionando a parte externa da cuíca com dedo, produzindo um som de ronco característico. Quanto mais perto do centro da cuíca o dedo do instrumentista estiver, mais agudo será o som produzido.

Outras denominações para o instrumento: roncador, tambor-onça, porca, quica, adufe, omelê.[1]

O instrumentista da cuíca é chamado de cuiqueiro.

A cuíca é um instrumento cujas origens são menos conhecidas do que os outros instrumentos afro-brasileiros. Em sua descrição sobre o interior Angolano no século XVI, o viajante inglês Andrew Battell descreve o encontro com um senhor africano de Ingombe que utiliza da Kipuíta para anunciar sua chegada. Ela pode ter sido trazida ao Brasil por escravos africanos bantos, mas ligações podem ser traçadas a outras partes do nordeste africano, assim como à península Ibérica, a exemplo da sarronca. A cuíca era também chamada de “rugido de leão” ou de “tambor de fricção”. Em suas primeiras encarnações era usada por caçadores para atrair leões com os rugidos que o instrumento pode produzir.

Seu uso é muito difundido na música popular brasileira. Por volta de 1930, passou a fazer parte das baterias das escolas de samba.

A cuíca foi tradicionalmente usada por escolas de samba no carnaval e grupos de congo capixaba, atualmente, depois de integrada no arsenal percussivo brasileiro, é também encontrada no jazz contemporâneo e em estilos de funk.



Casaca

A casaca é um instrumento musical de percussão da classe dos idiofones, feito de madeira. Trata-se de um reco-reco de cabeça e pescoço, simulando o corpo de uma pessoa, com cabeça grotesca. Um dos lados da parte correspondente ao corpo possui talhos transversais (que lembram as costelas de uma pessoa) sobre os quais se corre uma vareta, extraindo-se desse atrito um som único e intermitente que dá individualidade ao instrumento. É também um dos principais instrumentos das bandas de congo do Espírito Santo.

Conforme lendas locais do Espírito Santo, os escravos seguravam o pescoço, como se estivessem enforcando os senhores que lhe tivessem feito mal, e tocavam como se estivessem machucando a costela de seus patrões.

Junto aos demais instrumentos da banda de congo, a casaca reflete a influência africana na música e no ritmo das bandas de congo do Espírito Santo. As casacas são adquiridas como instrumentos para as bandas de congo e outros grupos musicais, ou como souvenirs, sendo comercializadas nas residências dos mestres e nos locais voltados para o congo, o que representa a sustentação financeira dos artesões locais. Conforme alguns historiadores, a casaca é instrumento criado pelos índios Tupiniquins.

É também um dos principais instrumentos das bandas de congo do Espírito Santo.



Tambor

O tambor é um instrumento de percussão usado em todas as culturas e em cada uma possui nomes, constituições e formas diferentes, como cilíndrica, cônica, como um barril, taça ou ampulheta.

No carnaval carioca, o tambor é um instrumento bastante presente nas baterias das escolas de samba.

Em suas extremidades há uma membrana esticada que pode produzir um ruído ou um som de altura definida, dependendo do meio utilizado para fazê-la vibrar.

No Brasil os tambores mais antigos são os indígenas, encontrados em várias regiões do país. Estes instrumentos, construídos de forma artesanal e com materiais naturais como madeira e pele de animais, coexistem atualmente com os instrumentos modernos, de fabricação industrial e constituídos em geral de metal e plástico.

Ao longo de todo o período colonial, os tambores foram muito utilizados como instrumento de caráter marcial em ocasiões festivas que remetiam, sobretudo, à família real. Em 1808, segundo os históricos relatos do conhecido Padre Perereca, D. João VI foi recebido no Rio de Janeiro com muitos vivas e repiques de sino, aos “sons dos tambores e dos instrumentos músicos”.

Viajantes estrangeiros que estiveram no Rio de Janeiro durante o século XIX registraram o uso de tambores pelos escravos negros em festividades religiosas e nas manifestações da capoeira, como retratadas em duas gravuras de Johann Moritz Rugendas em seu livro *Viagem pitoresca através do Brasil*:



Caixa

Caixa, tarola, tarol, caixeta clara ou, na designação original em inglês, snare drum é um tipo de tambor bимembranofone composto por um corpo cilíndrico de pequena seção, com duas peles fixadas e tensionadas por meio de aros metálicos, uma esteira de metal, constituída por pequenas molas de arame colocada em contato com a pele inferior, que vibra através da ressonância produzida sempre que a pele superior é percutida, produzindo um somrepicado, característico das marchas militares.

Popularmente, distingue-se o tarol da caixa pelo formato do corpo. O tarol tem geralmente uma distância menor das membranas, algo em torno dos 10cm, e a caixa pode ter acima de 15cm.

De uma maneira geral, e dependendo dos modelos, a esteira pode ser afastada da pele inferior mediante uma alavanca, permitindo também a execução de ritmos sem a presença do som repicado.

Nas Bandas de Congo as Caixas são muito usadas mas sem as baquetas, sendo tocadas apenas com as mãos, uma característica das bandas de Congo.



Pandeiro

O pandeiro é um instrumento de percussão que , além de marcar o ritmo, se adéqua perfeitamente aos movimentos da dança e permite que os próprios dançarinos sejam os instrumentistas.

É usado em várias festividades populares no Brasil, principalmente no Nordeste, servindo não só como instrumento musical, mas também como um adereço dos dançarinos.

O pandeiro possui um aro que, ao ser percutido, faz vibrar pequenos discos de metais montados isolados ou aos pares em toda a lateral do instrumento. Pode ou não ser coberto por uma membrana de pele ou de plástico e o som que ele produz é de altura indefinida, ou seja, um ruído.

No Rio de Janeiro o pandeiro foi também introduzido provavelmente no século XVI pelos jesuítas, e talvez sua utilização mais marcante, em termos festivos, tenha sido nos rituais das populares festas das Folias de Reis, que são tradicionais até hoje na cidade.

Já no século XVIII, o pandeiro encontra-se associado às Festas de encenação da coroação dos reis e rainhas do Congo, popularmente conhecidas como congadas, manifestações de música e dança de tradições africanas associadas às Irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, como um dos instrumentos musicais utilizados nas procissões.



APITO

O apito é um instrumento de sopro utilizado tanto para música, sinalização desportiva e de trânsito como também para sinalização de emergência. O som é produzido pela vibração do ar ao passar por uma aresta. Era tradicionalmente feito de madeira, mas hoje usam-se apitos feitos de metais como o bronze. Alguns apitos têm buracos nos lados que são cobertos com os dedos para produzir diferentes tons. O executante pode controlar ainda a duração e a intensidade do som.

Na música, é utilizado principalmente no samba. O apito é usado tanto para tocar padrões rítmicos assim como para anunciar uma nova seção, o começo, ou o final de uma música. Em uma escola de samba o mestre de bateria é o responsável por esses sinais. Para ele, o apito - juntamente com o repinique - funciona como a batuta de um mestre de ópera. O apito é capaz de produzir sons fortes e fracos, longos e curtos, abertos e fechados, e todos são usados para adicionar variedade e cores aos padrões tocados. Ele também pode tocar um padrão repetitivo que funciona como parte do conjunto do grupo rítmico.

O Apito é usado pelos Mestres das Bandas de Congo, para iniciar ou terminar uma cantiga, para mudar a cantiga ou para marcar o ritmo da música.



ADEREÇOS DA BANDA DE CONGO

ESTANDARTE

Um estandarte é um tipo de bandeira ricamente bordada, às vezes em fios de ouro, e que não se prestam a ser hasteadas e sim levadas pela tropa, como “guias”, utilizada por diversas instituições. O termo “estandarte” é aplicado a vários tipos de bandeiras diferentes: bandeiras militares, bandeiras de corporações ou comunidades religiosas, bandeiras distintivas de chefes de estado ou de pessoas de famílias reais.

Nas Bandas de Congo o estandarte leva o nome, a data da sua fundação e as cores que representam a Banda. Funciona com se fosse a bandeira da banda. O estandarte é carregada por uma mulher de destaque na banda e se torna uma das atrações da banda durante a apresentação.

BASTÃO DO MESTRE

Um bastão de aproximadamente 60cm, com muitas fitas coloridas de aproximadamente 30 cm fixadas em uma das extremidades do bastão. Este Bastão é levado pelo mestre, que o utiliza durante as apresentações para chamar atenção da Banda e do Público e também para marcar ritmo.

A MÚSICA DO CONGO

De acordo com as pessoas que vivem o Congo as músicas são muito importantes para a cultura, pois estas toadas (como são conhecidas as músicas de Congo), na maioria das vezes, são feitas em homenagens a santos, como São Benedito e Nossa Senhora da Penha (padroeira do estado do Espírito Santo), mas também falam de temas como o mar, o amor, a morte e as histórias de sofrimento destes povos.



A HISTORIA AINDA VIVE

RAINHA ASTROGILDA

Astrogilda Ribeiro dos Santos, nascida em 1934, ela se considera congueira desde quando ainda estava na barriga da sua mãe, que era Rainha da Banda de Congo de Timbui e seu Pai que era O Capitão e Mestre da mesma Banda.

“A primeira vez que eu dancei numa banda de Congo estava dentro do ventre da minha mãe e ela dançava com aquele barrigão e eu já estava feliz la dentro”
“e Deus vai me ajudar para que até meu último suspiro de vida eu vou estar ouvindo os tambores do Congo tocar”.

De acordo com a Rainha Astrogilda em 1954, quando ela tinha 20 anos a Banda de Congo de São Benedito do Rosário de Vila do Riacho, ficou sem Rainha e sem ninguém que assumisse a frente da Banda. Nesta época ela pediu licença a mãe Aurélia que era a representante mais antiga da banda e começou a reorganizar tudo e depois de muito trabalho conseguiu 25 mulheres e 25 homens para se tornarem componentes da banda. A Rainha Astrogilda destaca com fundamental para este renascimento da Banda a ajuda da Presidente da Associação comunitária de Vila do Riacho na época, Jandira Bitti Leal.

De 1954 até hoje a Rainha Astrogilda sempre esteve a frente da Banda, são 64 anos de luta pela preservação e valorização desta cultura que de acordo com ela é a representação viva da historia de dois povos que se foi passada de geração a geração a mais de 200 anos



MESTRE ANTONIO

Antonio Ramos dos Santos, nascido em Vitoria no dia 04 de setembro de 1955, aos 07 anos se mudou para Vila do Riacho no ano de 1962.

Desde quando se mudou para vila, António se interessou logo pelo Congo e começou a acompanhar a banda já a partir dos 8 anos. A mãe Astrogilda se tornou a Rainha da Banda de Congo da Vila, o que fez com que aquele menino se apaixonasse ainda mais e com o passar dos anos o menino foi crescendo e junto com ele o interesse e o amor pelo Congo.

Aos 19 anos de idade o Jovem António já era conhecido por todos e o seu amor pelo Banda e pelo Congo fizeram com que aos 19 anos, no ano de 1974, ele se tornasse Capitão e Mestre da Banda de Congo de São Benedito do Rosário de Vila do Riacho, através de uma eleição.

No ano de 2019, Mestre Antonio completa 45 anos a frente da Banda, lutando para manter essa cultura viva e sendo passada para próximas gerações. “O Congo e a Banda de Congo da Vila do Riacho, são as grandes razões da minha vida, uma herança que me foi passada na barriga da minha mãe e que veio dos meus avós, bisavós e vou lutar para que o valor da nossa cultura seja reconhecido e preservado até o último dia da minha vida. O Congo corre na minha veia”



E O FUTURO A QUEM PERTENCE

Hoje a Rainha Astrogilda e Mestre Antonio são os grande representantes do Congo e da Banda de Congo de São Benedito de Vila do Riacho e quando se fala sobre o futuro da banda os dois parecem tranquilos e com a missão de passar esta cultura e este amor para as próximas gerações, está bem adiantada hoje já conseguimos enxergar pessoas de várias idades desde crianças a jovens e adultos que tem um grande amor pelo Congo e ja se dedicam a esta cultura desde de criança e alguns desde quando nasceram.

Aqui vão os nomes de algumas destas pessoas que hoje dedicam parte de suas vidas a esta cultura e demonstram amor suficiente para se tornarem o futuro da Banda de Congo de São Benedito do Rosário da Vila do Rosário

Lista dos folgadores

Mestres

1º) Mestre : Antonio Ramos dos Santos

2º) Mestre :Carlos Alberto Ramos dos Santos

1º) Mestre do congo mirim : Rodrigo Galdino dos santos

2º) Mestre :Carlos Weverton ribeiro cristino

Tocadores

Rafael Galdino dos Santos, Igor Felício, Pedro Henrique Ribeiro Cristino, Iago Moreira Cristino, Cristiano Ribeiro Cristino, Janailto Francisco, Djalma Ramos dos Santos, Vanderson dos Santos Lemos, Thales Nascimo dos Lemos, Piedison Santana Ferreira, Antonio Ramos dos Santos Junio, Luiz Antônio Galdino, Kleber Wilhiam Nascimento, José Cris Marins, Dilmo Ferreira dos Santos, Válber Lemos dos Santos, Adriano Ramos, Luiz Fernando Sales Galdino, Adilho Vildo Francisco, Thiago Moreira Santana, Luiz Ramos dos Santos Filho, Eliomar Galdino, Patrike Juliano, Diego Zucolotto Totola, Ademar Lucas Motta Cristino, Tião Lemos, Pedro Lemos, Manoel Lemos, Marcio Coutinho, Marcelo Coutinho, Andre Coutinho, Mauro Gabriel.

Rainhas

1º) Rainha : Astrolgilda ribeiro dos santos

2º) Rainha : Rosa maria cardoso

3º) Rainha : Maria aparecida Galdino

-
Danças

Elza Elena Lemos Ferreira, Altacila Barcelos, Cristina Ribeiro Cristino, Rafaela Galdino dos Santos, Elza Cerqueira, Genimara Cerqueira, Marli Cerqueira, Asucena Ribeiro da Silva, Driely Vieira da Conceição, Maria Joana Pereira, Fernanda Galdino, Leda Maria Galdino, Elita Pereira, Fátima Pereira, Luciana Pereira, Jorgina Maria dos Santos, Adenilsa Ferreira dos Santos, Flavia Tavares, Ana Claudia, Léia Nascimento.

Fogadores que deram suas vidas pela nossa cultura

(Falecidos)

Luis Ramos dos Santos, Augusto Filisberto, Epirane Cimão, Manoel de Jesus Cristino, Alcidis Coutinho, Zé Pretinho, Roberto Almeida, Luiz Gonzaga Clemente, Manoel Gassos, Dtalcilio Sepucló, Biato Barcelos, Romaldo Almeida, Maurino Almeida Cristiano, Maria Rosa, Doralice Coutinho, Valdo Coutinho, Regina Ernesto, Dilma Leal, Maria da Conceição, Jorge Lemos, Antônio Pereira Maria Pereira.

BIBLIOGRAFIA

- Hans Staden - Duas viagens ao Brasil - Introdução de Eduardo Bueno - Primeiros Registros sobre o Brasil - tradução de Angel Bojadsen - L&PM POCKET - 2010
- Belezas e Riquezas do Afro-Brasileiro - Rogério Sarmenghi - 2014
- PALÁCIO ANCHIETA O Apóstolo do Brasil foi sepultado aqui - José Tatagiba - 2010
- Thomaz e Emilia - Uma Família de Riacho - Sergio Silva de Freitas - Editora CARAVANSARAI
- Fazenda das Palmas - Idealizado por João Carlos Devens - escrito pela Jornalista Fernanda Farina Fraga

INTERNET

- Site da Associação das Bandas de Congo da Serra - <http://www.abc Serra.org.br/oficina.html>
- Site Samba em Rede - <https://samba.catracalivre.com.br/geral/samba-na-net/indicacao/a-historia-da-cuica/>
- Site DE OLHO NA ILHA - Um Tabloide Digital - 482 ANOS DE COLONIZAÇÃO DO SOLO ESPIRITO SANTENSE (23/05/1535-2017) - SALVE DON VASCO! - (POR WILLIS DE FARIA) <http://deolhonailha-vix.blogspot.com/>
- Site Musica Brasilis - <http://musicabrasilis.org.br/instrumentos>
- Wikipédia - Um Milhão de Artigos <https://pt.wikipedia.org>
- Site Brasil-Turismo - Guia Geografico do Espirito Santo <http://www.brasil-turismo.com/espírito-santo/historia.htm>
- Portal suapesquisa.com - Portal de Pesquisas tematicas e educacionais <https://www.suapesquisa.com/historiadobrasil/escravidao.htm>
- Portal Historia do Brasil.net - textos, resumos e documentos da historia do brasil <https://www.historiadobrasil.net/abolicaodaescravatura/>

AGREDECIMENTOS

Fibra - Votorantin, PARE, Maria José Quinteira, Fernando Modenessi, Sandra, Mestre Antonio, Rainha Astrogilda, Cristina Cristino, Patricia Soares, Rogerio Monte Alto, Eduardo Paulista, Flavia Favalli, Adeyvison Siqueira, Francisco Expedito (Xykão), Jamerson Scher, Rogério Sarmenghi, Josimara Damasceno.

FICHA TÉCNICA

Coordenação: Instituto PARE

Pesquisa e Texto: Alexandre Perim

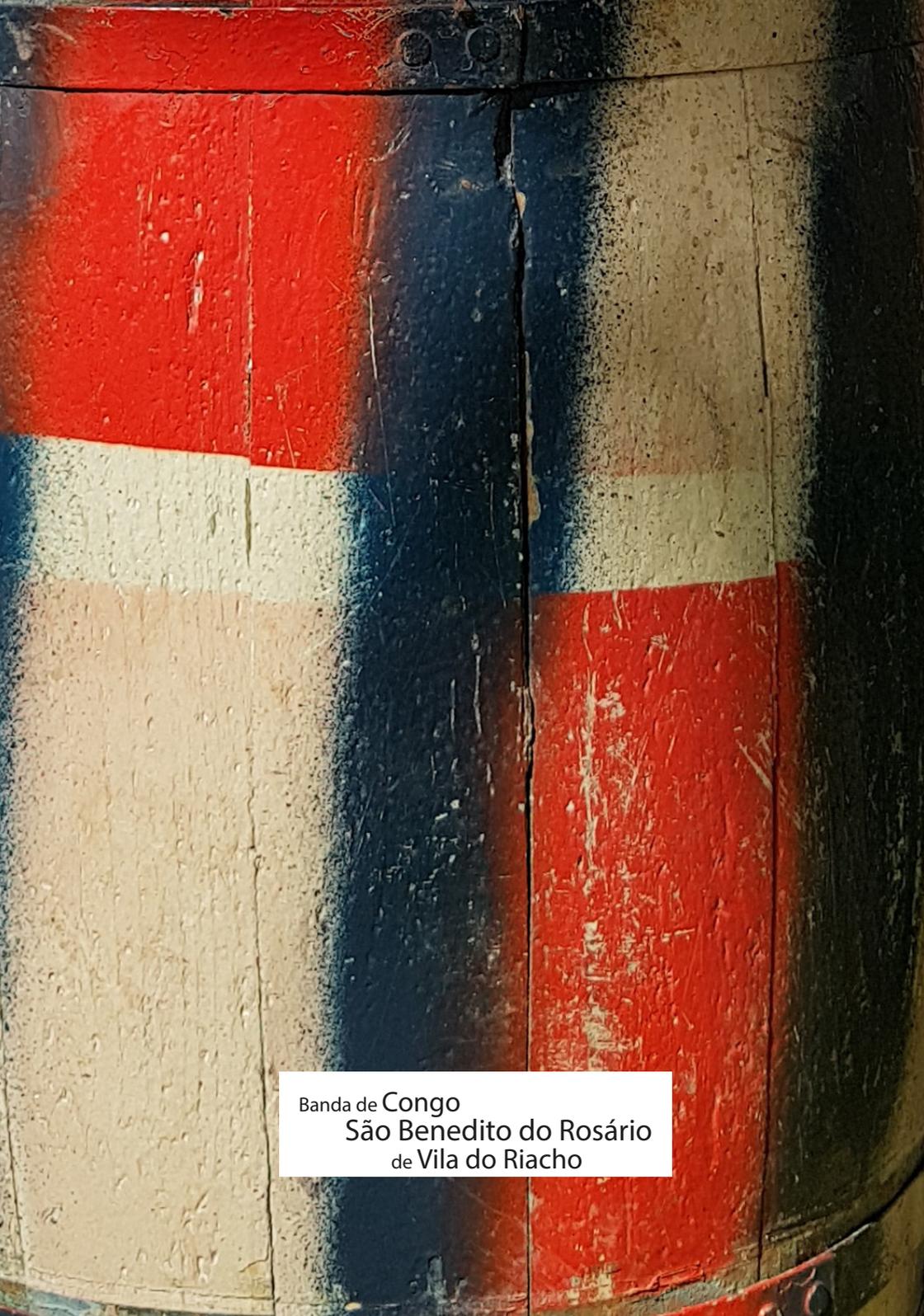
Fotos: Rogerio Monte Alto e Alexandre Perim

Projeto Grafico: Adeyvison Siqueira

Editoração: Adeyvison Syqueira e Alexandre Perim

Revisão: Flavia Favalli

Produção de Campo e Pesquisa: Eduardo Paulista e Alexandre Perim



Banda de Congo
São Benedito do Rosário
de Vila do Riacho